

Subjetividade em Heidegger e Benveniste: possíveis aproximações*

Liliana de Almeida Nascimento Ferraz**

Jorge Viana Santos***

Jorge Miranda de Almeida****

Resumo

Neste artigo, apresentamos o conceito de subjetividade em Heidegger (2008) e Benveniste (1995, 1996), procurando traçar um paralelo entre um ponto de vista da Filosofia da Linguagem e outro da Linguística. Evidenciamos, através da abordagem dos dois autores, a construção da categoria da subjetividade e qual a relação entre subjetividade e linguagem. Heidegger em várias de suas obras, mas especificamente em *A Caminho da Linguagem* (2008) e na Conferência *Construir, habitar, pensar* (2008b) relaciona a linguagem como habitação e como testemunho, porém, o testemunho de uma subjetividade que constrói a si mesma enquanto se edifica na dinâmica com um tu, e essa edificação ocorre mediante a linguagem. Nesse sentido, Heidegger se aproxima de Benveniste (1995, 1996), mais especialmente no estudo *Da subjetividade na linguagem* (1958), quando propõe que a linguagem é fundamental para compreender o que é homem e está presente na própria definição do que ele é.

Palavras-chave

Subjetividade; linguagem; Heidegger; Benveniste

Abstract

In this paper, we present the concept of subjectivity in Heidegger (2008) and Benveniste (1995, 1996). It seeks to draw a parallel between a point of view of Philosophy of Language and Linguistics. The construction of the category of subjectivity and the relation between subjectivity and language are emphasized by the two authors approach. Heidegger relates to language as housing and as a witness in several of his works, specifically in the *Way of Language*. Heidegger approaches Benveniste (1995, 1996), especially in his study named *Subjectivity in Language* (1958), when he proposes the language is fundamental to understand what is man. For them, it is impossible to *reach* the man moved from the language.

Keywords

Subjectivity; language; Heidegger; Benveniste

* Artigo recebido em 02/09/2015 e aprovado em 10/04/2016.

** Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

*** Professor Titular no DELL da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professor no Programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Possui Pós-doutorado em Linguística pela UNICAMP.

**** Professor Titular do DFCH na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professor no Programa de Pós-graduação em Memória, Linguagem e Sociedade e no Programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Possui Pós-doutorado em Filosofia pela UNISINOS.

1. Introdução

A subjetividade se constitui como objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento. A Filosofia, a Psicanálise, a Linguística, são alguns exemplos de campos que tentam explicar o funcionamento desse conceito, a partir de pontos de vista diferentes. Vale salientar que, mesmo dentro de determinado campo de estudo, há diversas concepções sobre o que se entende por subjetividade. A Filosofia da Linguagem, por exemplo, trabalha com quatro conceitos para a subjetividade: subjetividade como consciência de si¹; subjetividade como interioridade²; subjetividade como alteridade construída na relação³ e subjetividade ligada à linguagem e ética⁴.

O interesse crescente por esse tema, talvez se explique pelo fato de que entender a subjetividade implique em compreender o próprio homem em seu percurso de inconclusividade e de inacabamento. A dialética entre a subjetividade e a objetividade torna-se importante para o amadurecimento da concepção de subjetividade que não é solipsista e egocêntrica como a definida no *cogito* cartesiano e que a filosofia adotou sobretudo pelos iluministas e idealistas, dentre os mais significativos: Descartes, Leibniz, Kant, Hegel e Schelling. Kierkegaard; após eles, Heidegger, Jaspers, Derrida, Nietzsche propuseram outras variáveis para a compreensão dessa importante categoria.

Para o filósofo dinamarquês, a subjetividade não é um eu isolado, é a construção da própria personalidade que é relacional e se efetiva mediante uma determinada situação e sempre em situação (não é reducionismo, a primeira refere-se ao indivíduo, a segunda ao tecido social onde está inserido).

Nesses autores, não é possível definir o que é a subjetividade, pois ela está em constante deslocamento, mas, numa perspectiva simbólica, é possível evidenciar, narrar, evocar, traduzir em que a subjetividade se torna como realidade. Kierkegaard na obra *Pós-escrito conclusivo às Migalhas Filosóficas* (2005), na segunda parte, intitulada “O problema subjetivo, ou como tem que ser a subjetividade, para que o problema possa se apresentar a ela”, especialmente no primeiro capítulo denominado “Tornar-se subjetivo”, traça, por exemplo, uma densa análise sobre o significado dessa categoria e sua contribuição para que ela pudesse ser compreendida como singularidade ética

¹ Para discussões acerca da subjetividade como consciência de si, consultar Aroux (1998).

² Para compreensão da subjetividade como interioridade, consultar a obra de Husserl e os estudos de Alves (2003).

³ Essa concepção pode ser encontrada nas obras de Kierkegaard (1993, 2005) e Heidegger (2008).

⁴ Essa abordagem pode ser encontrada na obra de Lévinas (2000).

relacional. É a partir desse enfoque kierkegaardiano que Heidegger vai se apropriar e desenvolver os estudos entre linguagem e subjetividade.

Inserindo-se nessa discussão e delimitando-se nas obras *A caminho da Linguagem* (2008) de Heidegger⁵ e *Problemas de Linguística Geral I (1995) e II (1996)*, de Benveniste, este trabalho traça um paralelo entre um ponto de vista da Filosofia da Linguagem e outro da Linguística, procurando esboçar uma possível resposta para as perguntas: o que é e como se efetiva a subjetividade?; qual a relação entre subjetividade e linguagem?; como estabelecer a ética como fundamento da linguagem na perspectiva de que ela ocorre no interior da relação e do par eu-tu?; não estaria na relação mútua eu-tu o fundamento linguístico da subjetividade em Benveniste?

O artigo está dividido em três partes. Na primeira, procuramos apresentar a subjetividade na visão de Heidegger; na segunda parte, analisamos o conceito de subjetividade na Linguística a partir da obra de Benveniste; em seguida, aproximamos as duas concepções, a fim de problematizar pontos de convergência e divergência entre os autores.

2. Subjetividade em Heidegger: o ponto de vista filosófico

O projeto filosófico de Heidegger é orientado pela história do ser e não mais pela metafísica. Obras como *Introdução a Metafísica* (1969), *Serenidade* (s/d), *Cartas sobre o humanismo* (2005) e *Ser e Tempo* (1988) estão entre os seus trabalhos que mais demarcam a crítica à técnica, ao império da ciência e da objetividade em detrimento da subjetividade e da questão fundamental em toda sua produção que é a questão do ser. Ao mesmo tempo, tais obras revelam a sua preocupação original e fundamental para retirar a linguagem do domínio petrificado da técnica e do engessamento da gramática como se pode constatar nas duas citações de *Cartas sobre o humanismo*: “A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem. Os pensadores e os poetas são os guardas desta habitação” (HEIDEGGER, 2005, p. 8). E ainda: “a libertação da linguagem dos grilhões da Gramática e a abertura de um espaço essencial mais original está reservado, como tarefa para o pensar e o poetizar” (2005, p. 9).

⁵ Sem negar a recorrência do tema em obras anteriores e posteriores, nos limitaremos a abordar a subjetividade com base nesta obra por questões metodológicas.

Para esse autor, mais perigosa do que uma terceira guerra mundial, é a guerra da cegueira do pensamento que se materializa na viseira da linguagem como representação técnica do real. A objetividade da ciência como critério de verdade e de validade do real torna-se um perigo de incalculáveis proporções. Acompanhemos seu raciocínio:

[...] Não. Um outro perigo muito maior ameaça a era atômica que se inicia – precisamente quando o perigo de uma terceira guerra mundial está afastado. Uma estranha afirmação. Estranha, sim, mas apenas enquanto não refletimos. Em que medida é válida a frase que se acabou de proferir? É válida na medida em que a revolução da técnica que se está a processar na era atômica poderia prender, enfeitiçar, ofuscar e deslumbrar o Homem de tal modo que, um dia, o pensamento de calcula viesse a ser o *único* pensamento admitido e exercido. (HEIDEGGER, s/d, p. 26 – grifos do autor).

De acordo com Steiner (1982, p. 31), a proposta de Heidegger é a de demonstrar o estado alienado e precário do homem moderno e escravizado pelo consumo de massa e despossuído de si mesmo, sendo reduzido ao falatório da multidão, à impessoalidade e à inautenticidade como desenvolve no quinto capítulo da obra *Ser e Tempo*, intitulado *O ser-em como tal*, especialmente nos parágrafos 35, 36, 37, 38 denominados respectivamente como o falatório, a curiosidade, a ambiguidade e a de-cadência e o estar-lançado. Para esse autor, a questão por excelência dos dias atuais é a de como retirar o Homem da impessoalidade que é ao mesmo tempo uma escolha e uma determinação. Há urgência porque a *de-cadência* instaura um turbilhão de alienação e de fetiches, retirando o Homem da sua essência e o conduzindo à tranquilidade amorfa de “eu-sujeito isolado” (HEIDEGGER, 1988, p. 241). O quadro é agonizante se não fosse tão contundente e tão real em nossos dias. Segundo o pensador alemão em questão

Essa alienação, por conseguinte, não pode significar que a pre-sença se encontre de fato arrancada de si mesma; ao contrário, ela impulsiona a pre-sença para o modo de ser em que ela busca a mais exagerada “fragmentação de si mesma”. Na fragmentação, todas as possibilidades de interpretação são tentações de si mesmas e isso a tal ponto que as “caracterologias” e “tipologias” dela resultantes se tornam inumeráveis. Essa alienação *fecha* para a pre-sença a sua propriedade e possibilidade mesmo que se trate apenas de um autêntico fracasso; e também não a entrega ao ente que ela mesma não é. Força-lhe a impropriedade, num modo de ser possível *dela mesma*. A alienação da de-cadência, tentadora e tranquilizante, em sua mobilidade própria, faz com que a pre-sença se atrole e aprisione em si mesma. (HEIDEGGER, 1988, p. 240 – grifos do autor).

No interior desse cenário está correto Shuck (2003, p. 9) quando afirma que:

todo o esforço de Heidegger vai na direção de fazer surgir um novo modo de compreensão, e nisso ele busca dar um passo para trás, não no sentido de recuar, mas no sentido de descer para trás da subjetividade. Aí vamos compreender que a subjetividade não se entende a partir de si mesma, ela é, por assim dizer, carregada por um sentido que é anterior (SHUCK, 2003, p. 9).

A partir dessa concepção de uma subjetividade que se concretiza na linguagem, propomo-nos a analisar a obra *A caminho da linguagem*, de Martin Heidegger, na qual encontramos textos apresentados em forma de conferências ou redigidos como ensaios durante a década de 1950, que apresenta a linguagem como a essência originária da verdade e abertura de sentido ao homem.

Assim, procederemos a uma revisão de literatura de textos fundamentais dessa obra, em especial, *A linguagem* (1959), *A essência da linguagem* (1959) e *O caminho para a linguagem* (1959). O objetivo principal é oferecer ao leitor *pistas* para facilitar o acesso à maneira como o filósofo aborda a subjetividade como categoria que entra em funcionamento quando o homem faz uma experiência com a linguagem. Heidegger (2008) afirma que:

[...] fazer uma experiência com a linguagem significa portanto: deixarmo-nos tocar propriamente pela reivindicação da linguagem, a ela nos entregando e com ela nos harmonizando. Se é verdade que o homem quer saiba ou não, encontra na linguagem a morada de sua própria presença, então uma experiência que façamos com a linguagem haverá de nos tocar na articulação mais íntima de nossa presença. (HEIDEGGER, 2008, p. 121).

Se remontarmos a conferência *A Essência da Linguagem* (2008), Heidegger, ao dissecar o poema *A Palavra*, de Stefan George, escrito em 1919, oferece ao leitor uma experiência viva com a linguagem. Inteligentemente, ele retira a linguagem de sua esfera calculativa e significativa e a insere numa dinâmica existencial em que é preciso viver e testemunhar a palavra não como representação, mas sim de dentro da própria linguagem. Segundo o próprio autor, falamos sempre a partir da linguagem. Contudo, “isso significa que somos sempre ultrapassados pelo que já nos deve ter envolvido e tomado para falarmos a seu respeito. Ou seja, falando sobre a linguagem, estamos sempre constrictos a falar da linguagem de forma insuficiente” (HEIDEGGER, 2008, p. 138). É a vizinhança com “a linguagem enquanto é a casa do ser” (HEIDEGGER, 2008, p. 127) que permite ao homem ser homem. De que linguagem e de que homem está se evocando? Ele comenta que a linguagem de que ele trata não é aquela usualmente proposta pelos campos de observação científica que a definem como representação, mas sim a linguagem como linguagem, a linguagem que fala (HEIDEGGER, 2008, p. 7).

O que é significativo e contribui para o estabelecimento da relação da subjetividade e da linguagem em Heidegger pode ser constatado na tese de que uma

coisa são os conhecimentos científicos e filosóficos sobre a linguagem, como está colocado na página 122 da obra *A Caminho da linguagem*, e outra é a experiência que fazemos com a linguagem. Quem faz a experiência original com a linguagem? O Homem que é capaz de aproximar-se sem designar a linguagem como linguagem, mas extasiar-se, no exato momento em que não encontramos a palavra certa expressar o que nos pertence, “o que nos provoca, oprime ou entusiasma. Nesse momento, ficamos sem dizer o que queríamos dizer e assim, sem nos darmos conta, a própria linguagem nos toca, muito de longe, por instantes e fugidamente, com seu vigor” (HEIDEGGER, 2008, p. 123)

Dessa forma, onde podemos buscar a fala da linguagem? Precisamos encontrar um *dito* que se diz genuinamente, um *dito* inaugural. O filósofo nos chama à atenção de que a linguagem não pode ser algo externo ao homem, mas algo interior, algo que se constitui como relação. Nesse sentido, a subjetividade do homem não pode ser diluída na representação da fala, de forma que o que se diz se constitua como conceitos repetidos, frutos de uma massificação. Para se realizar essa experiência original com a linguagem, o Homem precisa se colocar no âmbito de uma quietude, pois “[...] a linguagem fala como consonância do quieto. A quietude aquieta-se dando suporte ao modo de ser de mundo e coisa. Dar suporte a mundo e coisa no modo da quietude é o acontecimento apropriador da diferença. A linguagem, a consonância do quieto, dá-se apropriando-se a di-ferença. A linguagem vigora como di-ferença que se apropria em mundo e coisa” (HEIDEGGER, 2008, p. 24).

Heidegger em *A Essência da linguagem* propõe um retorno do homem ao *lugar* mais próprio e original de sua essência, já que o homem se constitui como tal se relacionando com a linguagem. Essa relação não se limita ao uso de signos formais, estanques, que unem um significado a um significante, mas de uma experiência singular, na qual o indivíduo constrói, na relação, seus próprios significados e se institui com sua subjetividade, para o filósofo, “[...] Fazer a experiência de alguma coisa significa: a caminho, num caminho, alcançar alguma coisa. Fazer experiência com alguma coisa significa que, para alcançarmos o que conseguimos alcançar quando estamos a caminho, é preciso que isso nos alcance e comova, que nos venha ao encontro e nos tome, transformando-nos em sua direção.” (HEIDEGGER, 2008, p. 137)

Para Heidegger o homem somente se considera como humano quando recebe a reivindicação da linguagem, recomendando-se para a linguagem a fim de falar a linguagem. É mediante a experiência de pensar o pensamento que o homem faz-se homem. Em *O caminho para a linguagem* (1959), o filósofo salienta que a essência do homem repousa na linguagem, de forma que “somos, antes de tudo, na linguagem e pela linguagem” (HEIDEGGER, 2008, p.191). Dessa forma, a linguagem integra-nos ao mundo e a nós mesmos, pois ela se constitui como uma determinação essencial e substantiva do próprio ser do homem. Nesse sentido, não é a linguagem que pertence ao homem, antes esse é que pertence à linguagem:

Pretendemos algo estranho, que gostaríamos de formular da seguinte maneira: trazer a linguagem como linguagem para a linguagem. Isso soa como uma fórmula. É uma formulação que deve nos servir como fio condutor no caminho para a linguagem. A formulação usa três vezes a palavra "linguagem", dizendo a cada vez algo diverso e, ao mesmo tempo, o mesmo. O mesmo mantém em relação o que se diferencia a partir do uno. Essa diferenciação a partir do uno constitui o próprio da linguagem (HEIDEGGER, 2008 192).

Nessa conferência Heidegger introduz a noção de que, na linguagem, “falar é ao mesmo tempo escutar” (HEIDEGGER, 2008, p. 203). Nesse ponto, não seria exagero afirmar que a subjetividade de que ele trata, pode ser considerada como uma intersubjetividade, no sentido de que ela se constrói na relação de um eu que fala e de um outro que escuta, ambos se constituindo numa relação mediada pela linguagem. É interessante destacar que, ao utilizar a expressão “ao mesmo tempo”, Heidegger assume que os dois movimentos são simultâneos, ou seja, falar é escutar e acrescenta que: “Não falamos simplesmente a linguagem. Falamos a partir da linguagem. Isto só já nos é possível porque já sempre pertencemos à linguagem. (HEIDEGGER, 2008, p.203)”.

Segundo Steiner (1992), a filosofia de Heidegger propõe libertar a linguagem da alienação, para ele:

o esforço de Heidegger [...] para libertar a linguagem de pressupostos metafísicos ou científicos em grande parte não examinados e frequentemente ilusórios, é, de grande importância e fascínio. O seu diagnóstico da alienação e servidão do homem numa ecologia dilapidada foi profético e permanece inultrapassado em seriedade e consequência (STEINER, 1992, p.131).

Considerando o exposto e trazendo à tona as questões levantadas na parte introdutória, podemos dizer que Heidegger procura retomar o questionamento do ser e coloca a linguagem como veículo de manifestação dessa subjetividade, ou seja, há um ser que fala por intermédio da linguagem.

3. Subjetividade em Benveniste: o ponto de vista linguístico

Uma leitura da obra de Benveniste nos mostra que, apesar de estar inserido num contexto em que se desenvolviam os estudos de cunho diacrônico sobre a linguagem e se inaugurava um novo método de se fazer linguística – o estruturalista –, esse linguista desenvolveu noções fundamentais que embasam os diversos estudos de Linguística Geral, principalmente os da área da Semântica e inseriu, a partir disso, o homem como o sujeito da língua. A esse respeito, Santos (2007, p. 36) traz as seguintes considerações:

Muitas dessas noções redundariam numa concepção de linguagem, que sem paradoxos, assume a ideia de língua como estrutura, e, ao mesmo tempo, transcende essa posição, inaugurando, com um método próprio, uma linguística que, sem deixar de ser geral, considera o homem como o sujeito: uma linguística de Enunciação, na qual a *subjetividade* e a significação figuram como elementos fundamentais da análise.

A nossa escolha por Benveniste para explicitar como a Linguística concebe a subjetividade deve-se ao fato de que esse autor, na contramão dos estudos feitos por seus contemporâneos, insere a relação do homem na linguagem e mostra como essa subjetividade vem marcada no aparelho formal da linguagem. Vale ressaltar que uma abordagem deste cunho já havia sido empreendida por Breál, na obra *Ensaio de Semântica* (1897), em que o linguista lança as bases dos estudos semânticos, incluindo o aspecto subjetivo. Breál (1897) aponta que a língua não é um fenômeno natural, mas um fenômeno humano caracterizado pela intervenção da vontade. Os estudos de Breál e os campos apontados por ele marcam divisões que foram retomadas e desenvolvidas por Benveniste.

Assim, para apresentar a subjetividade na linguagem, a partir do ponto de vista linguístico, empreenderemos a uma revisão da literatura, resenhando os artigos fundamentais de Benveniste⁶ publicados em *Problemas de Linguística Geral I e II* (BENVENISTE, 1966, 1974), a fim de mostrar como o autor insere o homem como sujeito da língua.

Em *A natureza dos pronomes* (1956), Benveniste abre caminho para a discussão acerca da subjetividade na linguagem ao comentar acerca das propriedades discursivas de determinados pronomes de inserir o sujeito na linguagem. Primeiramente, o autor efetua a análise de *eu* e *tu* e considera que se tem uma referência própria, um ser único,

⁶ Usaremos aqui o mesmo critério utilizado por Santos (2007) no artigo *Subjetividade e enunciação em Benveniste: fundamentos de uma semântica linguística*, acrescentando o artigo *A linguagem e a experiência humana* (1965) que consideramos importante para nossa análise.

a cada vez que esses pronomes são utilizados, ou seja, a referência é uma “realidade de discurso” (BENVENISTE, 1956, p. 278).

O que Benveniste quer mostrar é que esses pronomes, fora do processo de enunciação, são formas vazias, ou seja, não remetem à realidade, nem a posições objetivas no espaço e no tempo. O emprego dessas formas tem como condição a situação de discurso. Nesse sentido, esses signos convertem a linguagem em discurso, ou seja, eles estão ligados ao exercício da linguagem, pois o locutor os assume em cada instância de seu discurso. Isso significa que o locutor é “[...] uma pessoa única pronunciando eu” (BENVENISTE, 1956, p.281) que se propõe, desse modo, como sujeito. É interessante notar que por ser um signo móvel, o eu pode ser assumido por qualquer locutor que figura, na instância de discurso como sujeito.

A noção do sujeito na linguagem é dessa maneira inserida nos estudos linguísticos, e no texto *Da subjetividade na linguagem* (1958) Benveniste desenvolve mais especificamente a sua teoria. Aqui, o autor questiona a definição simplista de que a linguagem é um instrumento de comunicação, pois fazendo isso, estaríamos colocando a linguagem no mesmo nível de qualquer objeto material fabricado pelo homem como a flecha ou a roda. Para ele, a linguagem está na natureza do homem, e lembra que “[...] não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem.” (BENVENISTE, 1958, p. 285).

Com efeito, o sujeito, ao produzir linguagem, constitui-se pela linguagem, pois se entrelaça com ela, ou seja, é a linguagem que constitui a subjetividade. Resta-nos perceber como se dá essa associação do homem com a linguagem. Benveniste aponta a resposta para essa questão afirmando que “[...] É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’”. (BENVENISTE, 1958, p. 286)

Nesse ponto, notamos que é a linguagem que permite que o homem se proponha como sujeito, daí surge a definição de subjetividade do autor como sendo “a capacidade do locutor de se propor como ‘sujeito’” (BENVENISTE, 1958, 286). Segundo ele, essa

subjetividade se determina pelo *status* linguístico da pessoa, que, por sua vez, se fundamenta no exercício da língua, com formas materiais apropriadas para tal.

Benveniste (1953, p. 286) salienta que a constituição de pessoa só é possível numa relação de diálogo entre um *eu* e um *tu*, de forma que um locutor não pode empregar *eu*, a não ser dirigindo-se a um *tu* e que este *eu* torna-se *tu* na alocação daquele que, por sua vez, designa-se por *eu*. Longe de ser um apenas um jogo pragmático de comunicação, essa polaridade das pessoas é condição fundamental para que exista linguagem. A esse respeito, Santos (2007, p. 40) diz: “[...] Benveniste (1958, p. 287) concebe a subjetividade de um lado, como intersubjetividade, visto dizer, referindo-se ao par eu/tu que é ‘uma realidade dialética que englobe os dois termos e os defina pela relação mútua que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade’; e, de outro, como marcada linguisticamente por meio de formas como os pronomes pessoais”.

E como essa subjetividade vem marcada na linguagem? Conforme exposto na citação acima, uma das marcas de subjetividade são os pronomes pessoais, os quais estão presentes em qualquer língua, implícita ou explicitamente. Além desses, Benveniste (1958, p. 288) aponta a classe de dêiticos que organizam as relações espaciais e temporais em torno do sujeito, tomado como referência, tais como *aqui*, *agora*, *amanhã*, etc.

Nesse sentido, Benveniste (1958, p. 289) trata de duas subjetividades, uma que vem marcada linguisticamente com formas vazias apropriadas à sua expressão e outra que emerge na instância de discurso. Segundo ele, é na instância de discurso que o *eu* designa o locutor que se enuncia como sujeito. É por intermédio dessas marcas que o indivíduo se apropria da língua e são elas que o colocam na condição de sujeito. Essa apropriação, além de ser um processo de atualização do sistema linguístico do qual o falante dispõe, seria, também, em certa medida, um processo de concretização que transforma a língua em discurso.

Em *A linguagem e a experiência humana* (1965), Benveniste retoma as discussões apresentadas e confirma o postulado acima ao salientar que:

Uma dialética singular é a mola desta subjetividade. A língua provê os falantes de um mesmo sistema de referências pessoais que cada um se apropria pelo ato de linguagem e que, em cada instância de seu emprego, assim que é assumido por seu enunciador, se torna único e sem igual, não podendo realizar-se duas vezes da mesma maneira. Mas, fora do discurso efetivo, o pronome não é senão uma forma

vazia, que não pode ser ligada nem a um objeto nem a um conceito. Ele recebe sua realidade e sua substância somente do discurso. (BENVENISTE, 1965, p. 69)

Considerando o exposto, pode-se dizer que Benveniste inseriu a subjetividade nos estudos linguísticos e mostrou como o homem constitui-se sujeito na língua. Assim, trazendo de volta a nossa pergunta inicial, vemos que subjetividade nos estudos linguísticos de Benveniste define-se como a capacidade do locutor de se propor como sujeito, tomando para si o aparelho formal da linguagem. Uma subjetividade que se constrói na relação de poralidade de eu-tu, que emerge na instância de discurso e que é percebida materialmente na língua.

4. Heidegger e Benveniste: possíveis aproximações

A partir do que foi apresentado, vemos que Heidegger e Benveniste teorizam de pontos de vista diferentes: Heidegger concebe a subjetividade a partir do viés filosófico e Benveniste, por sua vez, aborda a subjetividade inserida no campo dos estudos linguísticos. Entretanto, apesar das diferenças, podemos notar pontos de contato entre os dois autores, que não dizem respeito a campos de semelhança teórica, mas semelhanças de abordagem ao definir a subjetividade.

Em primeiro lugar, os dois autores concebem a linguagem como um fenômeno humano. Heidegger (2008, p. 127) considera a linguagem como a “casa do ser”, de modo que é ela que permite ao homem ser homem. Ora, está claro que a impessoalidade é sinônimo de objetividade, que é a ausência de si mesmo enquanto projeto de abertura e relacional. Nesse sentido, sua obra faz-nos pensar o lugar da subjetividade no quadro do saber atual que privilegia o universal, o abstrato, o teórico, o matemático, o exato, a teoria, e desqualifica a subjetividade que teria como condição central a de se constituir como centro criador de sentido, do ser que lhe dá sentido, mediante a linguagem, como habitação e relação que se projeta para fora de si mesmo. Benveniste (1958, p. 256), por sua vez, afirma que não se concebe o homem separado da linguagem. Vê-se aqui que ambos olham para a linguagem intrinsecamente relacionada ao homem.

Em segundo lugar, Heidegger e Benveniste comungam da ideia de que o homem se constitui na e pela linguagem. O primeiro afirma que “somos, antes de tudo, na linguagem e pela linguagem” (HEIDEGGER, 2008, p. 191). O filósofo não pretende definir um conceito sobre a essência da linguagem, não quer discutir apenas algum aspecto ou outro dela, nem oferecer uma concepção de linguagem que satisfaça uma

representação a ser usada por toda parte. Seu intuito não é conduzir a linguagem ao fazer tal colocação, mas conduzir -nos para o lugar da essência da linguagem, do seu modo de ser. Ele quer penetrar na fala da linguagem, para chegar à sua morada. Ele não quer esclarecer outras coisas por meio da linguagem, mas fundamentá-la com base nela mesma. Benveniste diz que “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, 1958, p. 286). A semelhança nas afirmações mostra que os dois autores consideram a linguagem como reveladora da subjetividade, mesmo que essa subjetividade se caracterize de maneira diferente, conforme mostramos, em cada teoria.

Em terceiro lugar, pode-se perceber que, tanto Heidegger quanto Benveniste concebem a subjetividade como intersubjetividade. Para Heidegger (2008, p. 203), ela se constrói na relação de um eu que fala e de um outro que escuta, ambos se constituindo numa relação mediada pela linguagem. Assim esboçado, a linguagem se constitui como uma transsubstanciação do pensamento; é aquilo que dá o caráter humano ao homem, envolvendo-o na sua subjetividade como resultado de uma linguagem originária construída na relação de todas as relações. Benveniste (1958, p. 287), por outro lado, afirma que um locutor não pode empregar *eu* a não ser dirigindo-se a um *tu* e que é na relação entre esses dois termos que se encontra o fundamento da subjetividade.

5. Considerações finais

O que se pretendeu neste trabalho foi situar a compreensão da subjetividade a partir dos estudos empreendidos por Heidegger e Benveniste, a fim de contrapor a abordagem filosófica à abordagem linguística. Nossas considerações mostraram que Heidegger elege a linguagem como o meio que concede o caráter humano ao homem, envolvendo-o na sua subjetividade como resultado de uma linguagem originária construída na relação original de todas as relações. Isso porque o que caracteriza o homem é o fato de em sua constituição original existir um eu-tu. O mesmo par que Benveniste designa como fundamental para a constituição de pessoa, quando afirma que ela só é possível numa relação de diálogo entre um *eu* e um *tu*. Longe dessa relação o que se caracteriza é o que denominamos com Heidegger de inautenticidade, falatório e decadência.

A linguagem se constitui a partir da experiência original de um *eu* e de um *tu* capazes de experienciar fora dos quadros de referência da Metalinguística que, para o filósofo de *Ser e Tempo*, é a tecnização de todas as línguas e que tem como objetivo

transformar a linguagem num conjunto de instrumentos meramente repetidores e alienadores do homem de si mesmo e do homem diante do mundo. O que resulta significativo é que a linguagem exerce um papel ambivalente e contraditório, pois, ela sendo a casa, a habitação, a morada do ser, pode edificar a verdade desse ser e constituir a condição de verdade e de relação consigo mesmo e com o próximo (eu-tu); mas também pode justificar a alienação e a dominação de um eu egocêntrico tornando o tu objeto e subjetivado em sua própria inautenticidade.

Vê-se, assim, que, tanto Heidegger quanto Benveniste, buscam explicar e sublinhar a relação homem/linguagem e ambos apontam a subjetividade como resultado dessa relação. Os dois autores demonstram, dessa maneira, a preeminência da subjetividade na linguagem.

Referências

- ALVES, P. M. S. *Subjetividade e tempo na fenomenologia de Husserl*. Lisboa: Centro de filosofia da Universidade de Lisboa, 2003.
- AUROUX, S. *A filosofia da linguagem*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- BENVENISTE, E. (1956). A natureza dos pronomes. In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 1995, p. 277-283.
- BENVENISTE, E. (1958). Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 1995, p. 284-293.
- BENVENISTE, E. (1965). A linguagem e a experiência humana. In: _____. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006, p. 68-80.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 1995.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006.
- HEIDEGGER, M. *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HEIDEGGER, M. (1950). A linguagem. In: _____. *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HEIDEGGER, M. (1959). A essência da linguagem. In: _____. *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HEIDEGGER, M. (1959). O caminho para a linguagem. In: _____. *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Vol. I. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
- HEIDEGGER, M. *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget, s/d
- HEIDEGGER, M. *Cartas sobre o humanismo*. São Paulo: Centauro, 2005.

- INWOOD, M. *Dicionário Heidegger*. Trad. L. Holanda. Rio de Janeiro: Zahar, 2002
- KIERKEGAARD, S. *Post-scriptum conclusivo não científico*. Milano: Sansoni Editore, 1993.
- KIERKEGAARD, S. Pós-escrito conclusivo não científico às Migalhas Filosóficas. Petrópolis, RJ: vozes, 2005.
- LÉVINAS, E. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- SANTOS, J. V. Subjetividade e enunciação em Benveniste: fundamentos de uma semântica linguística. In: *Pesquisa em estudos da linguagem V*. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007, p.35 -56.
- SHUCK, R. J. Linguagem e instauração do sentido: para além do domínio da subjetividade. In: *Signos*. Lajeado: Univates Editora, 2003, p. 7-15.
- STEINER, G. *As ideias de Heidegger*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1982.